

"Vous plaisez Mr. Tanner" ou o martírio da recuperação de um imóvel

O principal mérito deste cómico e leve livro de Jean-Paul Dubois (que se lê numa viagem de avião Paris-Lisboa) é o de nos fazer sentir, a nós, Portugueses, que não estamos sós no mundo da construção civil: o mal, afinal, grassa por todo o lado. Curiosamente, os "diligentes" operários com os quais o Mr. Tanner, um incauto profissional liberal que tem a (in)felicidade de herdar uma antiga casa de campo, se vê malgradadamente envolvido são, todos eles, estrangeiros, ou seja, não franceses, variando entre os hispânicos, os russos e outras nacionalidades difusas.

À parte este enraizado chauvinismo francês, o livro retrata alguns dos dilemas recorrentes de quem tem a coragem de enveredar pelo mundo da recuperação de edifícios. Em primeiro lugar, a prática de preços astronómicos acaba por ser convidativa do recurso ao mercado paralelo e, aí, reina o caos: a seriedade e ética profissionais, a qualidade do trabalho, os mecanismos legais para a



garantia do mesmo (seguros), são termos que não fazem parte do vocabulário desse mercado negro. No caso do pobre Mr. Tanner, o prejuízo provocado por uma equipa de

dois biscateiros acaba por ser de tal ordem, que ele próprio passa a assumir o comando da obra, contratando técnicos especializados à medida que a necessidade assim o exige.

Nesse momento, surge a segunda leva de problemas associados a estes ditos técnicos especializados: o não cumprimento dos prazos acordados, não aparecendo no local de trabalho durante semanas a fio, não respondendo aos insistentes e desesperados telefonemas do dono da obra, até ao dia em que, como que saído do nevoeiro, surge o dito canalizador contratado havia quatro semanas atrás; ou então o técnico que, vítima de uma traição pela mulher, expia o seu mal no local de trabalho, transformando a obra e o seu proprietário em parte substantiva da sua catarse; ou, finalmente, o simples electricista que, perante uma urgência, se mostra disponível a colaborar mediante o pagamento de uma mera quantia fabulosa que lhe permita sustentar, por exemplo, o Mercedes desporti-

LIVROS LIDOS

vo no qual transporta as suas ferramentas.


No campo dos recursos humanos, nem tudo são desilusões numa obra de recuperação de um imóvel: há também o técnico que, depois de provocar um pequeno dano na obra, dano perfeitamente recuperável, recusa o pagamento de todo o seu trabalho tal é o seu brio profissional. Aliás, o livro é-lhe dedicado pelo autor.

Jean-Paul Dubois parece ter ficado fortemente marcado pela empreitada na qual se envolveu: não refere, em toda a obra, qualquer aspecto positivo em termos de experiência, de conhecimento, de dinâmica gerada. Talvez contribua para isso o facto do livro terminar ainda com a recuperação em curso. Contudo, inclinamo-nos mais para as sequelas permanentes: consumidor de recursos, de humores, de forças, o autor vê o estaleiro como um inimigo permanente, especialmente materializado no grupo de operários.


Veja-se esta passagem : "*Il faut à la fois travailler au jour le jour, construire, remodeler un univers démesuré à la force de bras modestes, penser à la suite, programmer le meilleur, envisager le pire, alimenter le chantier en matériaux - un chantier est, par essence, constamment affamé -, régler des sommes vertigineuses - une rénovation est, par définition, un gouffre -, surveiller le travail des artisans qui viennent faire une prestation - un artisan est, par nature, une menace latente -, supporter, enfin, les mensonges, les ruses, les retards, les approximations de ces corps de métiers qui, il ne faut jamais l'oublier, n'ont été constitués que pour concourir à votre ruine. A endurer pareilles tortures, on*

perd très vite ses forces, sa santé, aussi bien mentale que physique, ses économies, sa lucidité, bref, sa raison".


Apesar de não sabermos qual a experiência do Mr. Tanner ou do autor (que se confundem) em matéria de construção nova (podendo ser este negativismo um traço de carácter e não da especificidade da

obra em si mesma), estamos certos da seguinte recomendação: para todos aqueles que se prestam, no presente, a iniciar uma obra desta natureza, não leiam este livro! 

CATARINA VILAÇA DE SOUSA,
Historiadora da Arte



**Projecto, Gestão e Fiscalização de Obras
Coordenação de Segurança e
Acompanhamento Ambiental**



Edifício Campo Grande 28, 12º andar, Salas B e C 1700-093 Lisboa
Tel. 21 796 32 14 Fax. 21 796 30 46 , email; geral@pengest

